

II. Os Documentos e a cultura de sua época:

II.1 Da cultura escrita latina até os primeiros documentos em português

II.2. O português escrito na época medieval.

Bibliografia Específica

CASTRO, Ivo. Introdução à História do Português. Lisboa: Edições Colibri, 2004. 2a ed, 2006.

CASTRO, Ivo. A primitiva produção escrita em português. Orígenes de las lenguas romances en el Reino de León. Siglos IX-XII, León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 2004, vol. II, p. 69-97.9

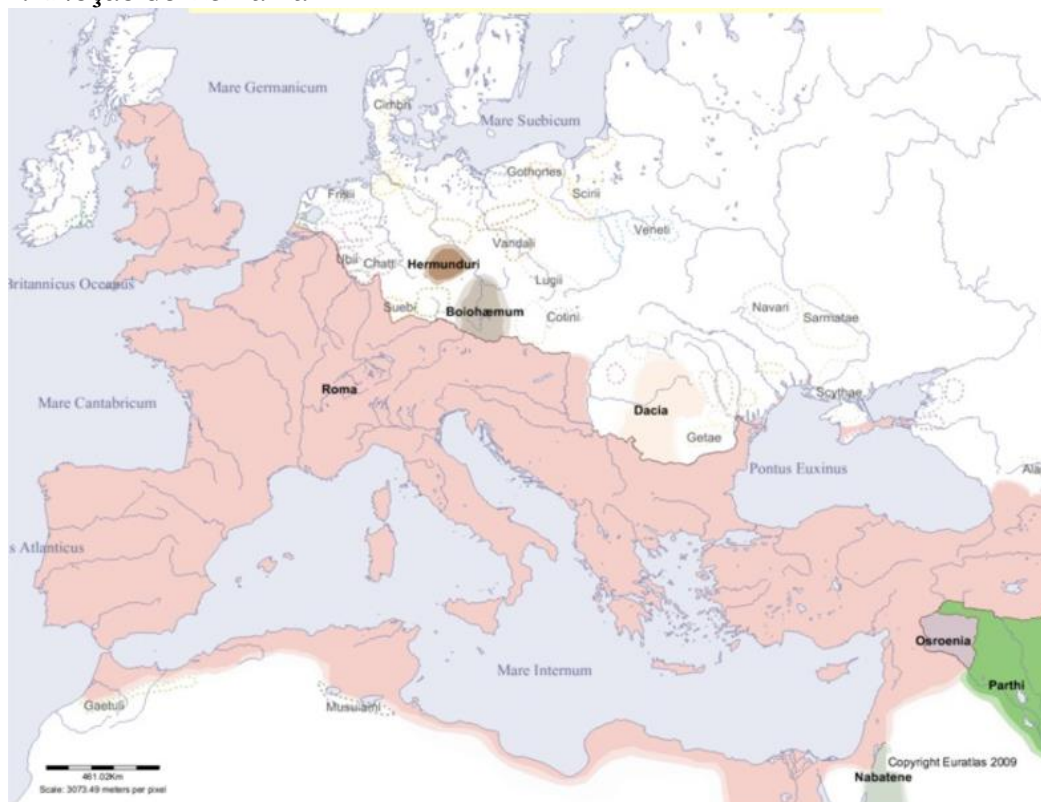
CASTRO, Ivo. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1997. [Capítulo 1: Do latim aos primeiros textos do galego-português.]

 *Análise de Documentos:* Documentos notariais e de chancelaria (século XIII)

I. Contexto da produção primitiva portuguesa

1. Noção de *Romania*



MAPA: Domínios romanos em 300dc. Fonte: Projeto Euratlas, “Digital Cartography, Historical GIS Maps and Antique Maps of Europe”, <http://www.euratlas.net/history/europe/300/index.html>

(*cf. também os mapas no Resumo 2*)

2. Do “Latim Vulgar” às “Línguas Românicas”

- A Importância do latim escrito na formação das línguas românicas ocidentais
- A Unidade lingüística da România Ocidental
- O Rigor na Reconstrução do Latim Vulgar do Império Romano

3. A documentação primitiva e o território inicial da língua portuguesa

3.1. Dos "Romances" às "Línguas Românicas"

Castro 2006:54

"Falar latim era **latine** ou **romane loqui** no latim clássico, mas no fim do Império apareceram as expressões **romanice parabolare** e **romanice fabulare**, 'falar à moda de Roma, nem exactamente em latim nem em língua de bárbaros'. Isso corresponde à situação de transição que se viveu na Europa Ocidental no período que medeia entre o Império e os estados medievais. Quando estes se constituíram e adquiriram nomes próprios, a designação geral de România foi perdendo parte da sua razão de ser". (cf. aula 3)

3.2 "Formação de um espaço nacional para a língua portuguesa" (Castro 2006:68-81)

- Os romances ibéricos: a fronteira norte/sul e a fronteira ocidente/oriente
- O ocidente setentrional: a área do galego-português
- O oriente meridional: o romance moçárabe
- A importância da reconquista

- Fronteira esquemática mais importante do domínio dialetal português:

- supressão do /l/ e /n/ latinos intervocálicos
- manutenção das vogais breves latinas sem ditongação

exs.

- manu > mão, malu > mau
- terra, cova, pedra (vs. tierra, cueva, piedra) (cf. *Ficha: Ciclos do Português*)

A formação do território 'Português' e as etapas da reconquista portuguesa



Tomada de Lisboa, 1147
Tomada de Évora, 1168
Tomada de Faro, 1249

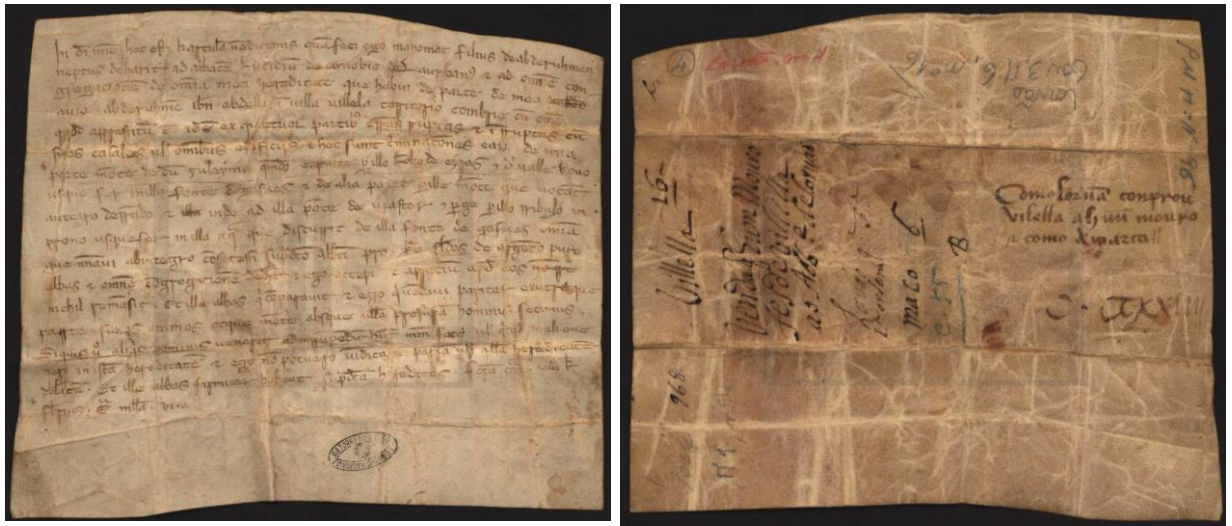
MAPA: Área primitiva do Galego-português.
Fonte: Teyssier (1980), Mapa 2, p. 9.

ANÁLISE DE DOCUMENTOS:

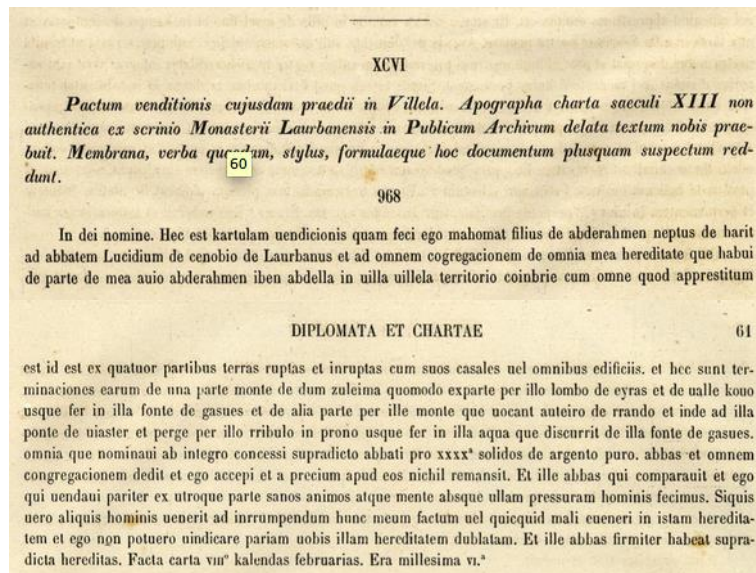
Documentos notariais e de chancelaria.

1. Documentação anterior ao século XIII

FAC-SIMILE: *Venda que um mouro fez de Vilela ao abade de Lorvão*, Cópia do séc. XIII ou XIV de um documento do ano 968. Ordem de Cister, Mosteiro de Lorvão, Antiga Colecção Especial, mç. 1, n.º 4. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4381041>>



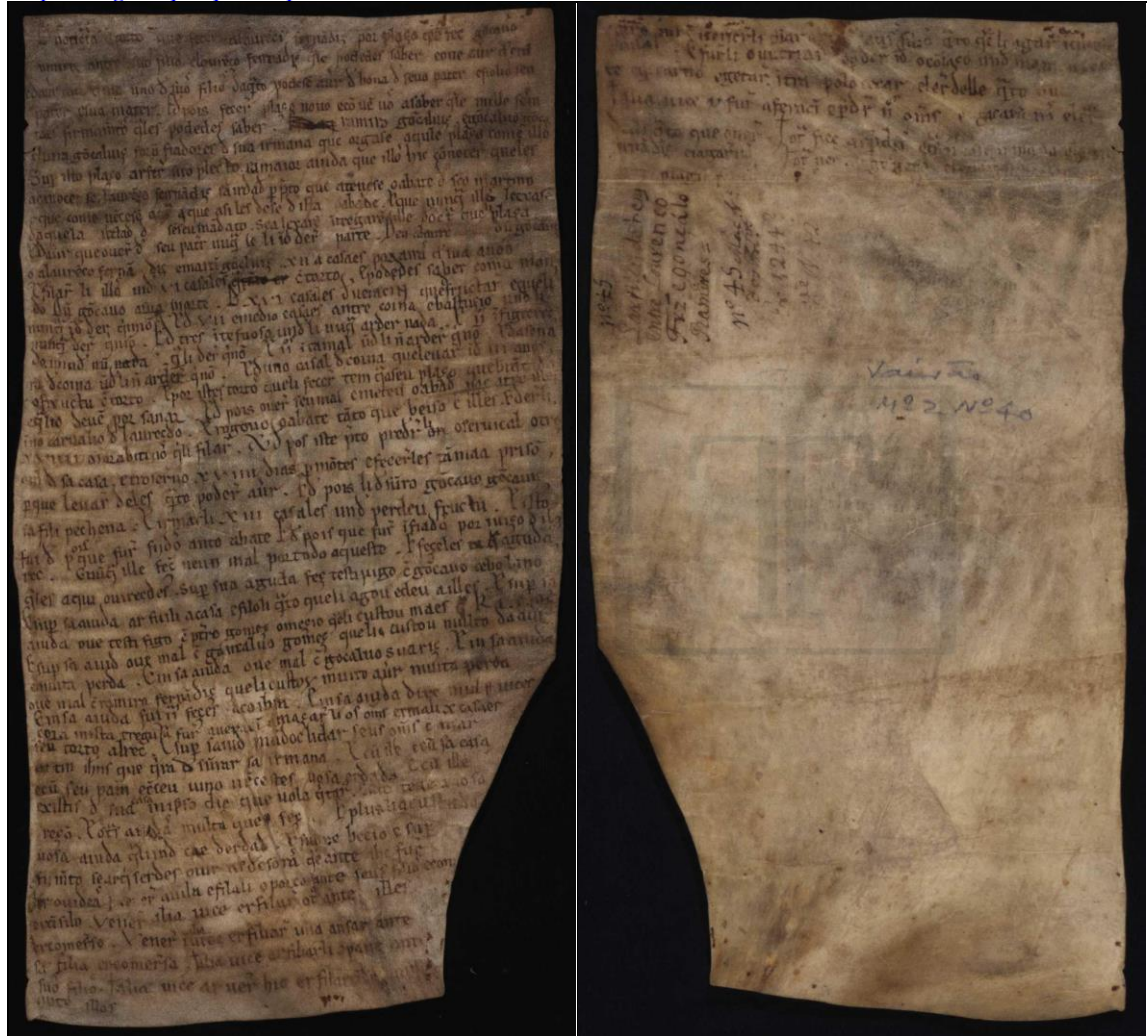
FAC-SIMILE: Transcrição. In: *Portugaliae monumenta historica: a saeculo octavo post Christum vsque ad quintumdecimum...* / ivssv Academiae Scientiarum Olisiponensis edita. Olisipone: Typis Academicis, 1856-1961. *Diplomata et chartae*: V. 1, fasc. 1. (1868) p. 60-61. Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa, <<http://purl.pt/12270>>



2. Documentação primitiva do português (1214-1250)

2.1 *Notícia de torto*

FAC-SIMILE: *Notícia de Torto*. [c. 1214-1216?]. Fonte: Portugal, Torre do Tombo, Ordem de São Bento, Mosteiro do Salvador de Vairão, mc. 2, doc. 40. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1461698>



Transição e análise:

cf. *Notícia de Torto*: Edição; (Anexo 1, Moodle)

cf. *Notícia de Torto*: Comentário linguístico (Anexo 2, Moodle)

“Essa titubeante invenção do escrever português”:

Ivo Castro, (2004:22 e ss):

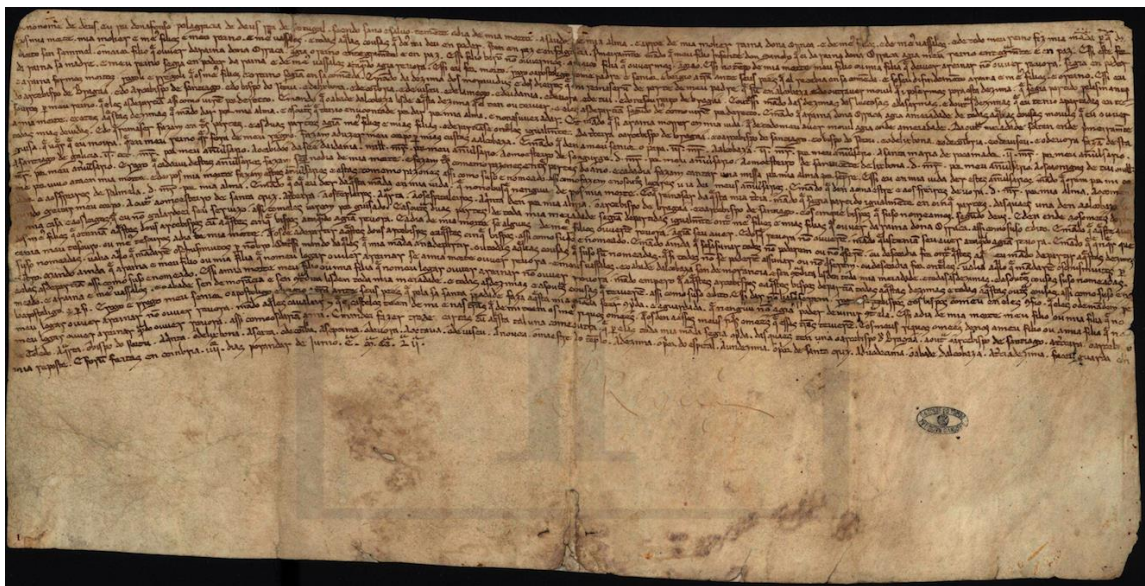
"... embora na chancelaria real portuguesa ainda continuasse durante mais meio século a ser observado o costume de escrever em latim os documentos formais, destinados a assumir carácter oficial e a perdurar no tempo (costume quebrado no caso do testamento de 1214, por razões que os historiadores um dia encontrarão), já era uso, no início do séc. XIII, escrever em português certos textos de carácter efémero, tais como apontamentos, mensagens pessoais, rascunhos, minutas, que pela sua natureza muito poucas possibilidades tinham de sobreviver, ou de carácter informal, como a notícia, que mesmo quando sobrevive é difícil de situar cronologicamente. Em tais exercícios se adestraram os escribas da casa real para escrever em português. Aqui abre-se uma perspectiva aliciante, que não tenho possibilidade de explorar neste trabalho: a caracterização da "ortografia individual" de cada escriba talvez permita vislumbrar a proveniência do seu aprendizado e determinar se aprenderam a escrever romance em ambientes de influência castelhana ou leonesa. (...)

Um desses textos informais ou efémeros, contudo, chegou até nós. A Notícia de Torto tem sido considerada pela maioria dos autores uma minuta portuguesa de documento que, em forma limpa e final (mundum), seria escrita em latim. Por acidente histórico não explicado, foi a minuta que sobreviveu e não o produto final, se esse chegou a existir".(...)

"... o escriba era mais um leitor que um profissional da escrita e não tinha, para todos os problemas, soluções gráficas adquiridas e enraizadas, ao contrário dos seus contemporâneos da chancelaria real. Deixava-se guiar pela análise que caso a caso ia fazendo do que ouvia, do que lhe era ditado. Daí grande parte do seu interesse para o linguista, porque a espontaneidade e a hesitação da sua mão deixam entrever factos da língua oral que um escriba habitual e formal teria filtrado e que se tornam, assim, naqueles momentos raros em que vemos ,falar' um documento antigo. O seu recurso às grafias de /d[/, por exemplo, constitui um precioso testemunho de que este fonema ainda existia no português de inícios do séc. XIII"

"Esta caracterização não deveria surpreender: o escriba da Notícia de Torto não trabalhava para o rei de Portugal, nem para um comendador da ordem do Templo, mas para um fidalgo arruinado do Minho, Lourenço Fernandes da Cunha, que não possuía chancelaria, nem escriba decente ou profissional, mas apenas aquilo a que hoje chamamos uma ,mão inábil. Essa titubeante invenção do escrever português, essa escrita não totalmente formada e adquirida, é fascinante em si mesma e, por contraste, põe em destaque quanto a prática dos copistas da corte era adquirida, longa e hábil".

2.2 Testamento de D. Afonso



Testamento de D. Afonso. Reprodução do Manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, <http://digitarg.arquivos.pt/details?id=1437285>.

Edição: cf. Castro, 1991 & Castro, 2004; Costa, [s.d.]

Castro, 2004:

“A produção frequente de documentos em português é conhecida a partir da segunda metade do séc. XIII: em 1255 começam a ser escritos em português alguns dos documentos saídos da chancelaria de Afonso III 15, embora uma parte se mantenha em latim, e é só em 1279, com D. Dinis, que se torna sistemático o uso do português como língua dos documentos emanados da corte, uso que progressivamente é imitado pelos restantes centros produtores.

Vale a pena observar mais de perto o que se passou na chancelaria de Afonso III, com dados fornecidos por Luiz Fagundes Duarte. Os documentos registados em português são 34 (mais quatro acrescentados tardiamente), mas nem todos são documentos emanados da própria corte. Estes são apenas 26 e foram escritos com o seguinte calendário:

1255	2 docs.
1260	1
1266	1
1269-1279	22

Ou seja: na verdade é apenas nos dez últimos anos do reinado de Afonso III, e precedendo a sua oficialização no reinado seguinte, que se alarga e consolida o uso escrito da língua portuguesa nos documentos do governo, após experiências que têm de ser consideradas como esporádicas. Como, afinal, todas as outras experiências anteriores de que temos tido conhecimento.

A outra questão palpitante tem a ver com o estranho, para os nossos dias, conceito de isomorfia que reinava na chancelaria de Afonso II. Entre duas cópias autenticadas e conformes de um documento, destinadas a produzir idênticos efeitos legais, e anunciadas como iguais uma à outra (note-se: apenas em 1214, pois nos testamentos seguintes tal afirmação desaparece), as diferenças que existem são consideráveis: além de diferenças de suporte, são bastantes as variantes gráficas e linguísticas. Darei, como exemplo, a secção final do testamento, com as variantes assinaladas a negro”:

Resumo das variantes (Castro, 2004):

Ms. Lisboa

[23-25] E **ssi a dia de** mia morte meu filio ou mia filia que no | meu **logar** ouuer a reinar **nō** ouuer reuora, mado **aqueles** caualeiros que os castelos téen de mi en'as terras que de mi **téem** os meus **riquos** oméés que os den a esses meus **riquos** oméés que essas terras **teiuere**. E os meus **riquos** oméés den'os a meu filio ou a mia filia que no | meu **logar** ouuer a reinar quando ouuer reuora, assi como os **dariã** a mi.

[25-27] E **mandei** fazer treze cartas cū aquesta tal una **come** outra, que per elas toda mia mada **segia comprida**, das quaes ten una o arcebispo de Braga, a outra o arcebispo de Santiago, a terceira o arcebispo | de Toledo, a quarta o bispo do **Portu**, a quinta o de **Lixbona**, a sexta o de **Coïbria**, a septima o d'Euora, a octaua o de Uiseu, a **nouea** o maestre do Têplo, a **dezima** o prior do Espital, a **undezima** o prior de Santa Cruz, a duodecima o abade d'**Alcobaza**, a **tercia dezima facer guarda[r]** en | mia reposte.

Ms. Toledo

[32-35] E **se dia da** mia morte | meu filio ou mia filia que no meu **logo** ouuer a reinar **nū** ouuer reuora mado **áaqueles** caualeiros que os castelos téen de mi en'as terras que de mi **téén** os meus **ricos** oméés que os | den a esses meus **ricos** oméés que essas terras **teiueren**. E os meus **ricos** oméés den'os a meu filio ou a mia filia que no meu **logo** ouuer a reinar quando ouuer reuora assi como os **da|rian** a mi.

[35-37] E **mādei** fazer treze cartas cū aquesta tal una **como a** outra que per elas toda mia mada **seia comprida**, das quaes ten una o arcebispo de Bragáá, a outra o arcebispo de Santiago, a terceira | o arcebispo de Toledo, a quarta o bispo do **Porto**, a quinta o de **Lisbona**, a sexta o de **Coïbra**, a septima o d' Euora, a octaua o de Uiseu, a **nona** o maestre do Têplo, a **decima** o prior do Espital, a **ũdecima** o prior de Santa †, a duodecima o abade d'**Alcobacia**, a **tercia decima faco eu aguardar** en mia reposte.

Variantes gráficas entre os copistas (vocalismo)

	<i>Ms. Lisboa</i>		<i>Ms. Toledo</i>	
	forma	ocorr.	forma	ocorr.
Vogais átonas finais	Portu	3	Porto	3
	suso	10	susu	9
	o (art. def.)	25	u (art. def.)	1
			o (art. def.)	20
	os	8	us	15
			os	8
o (pron.)	10	u (pron.)	7	
		o (pron.)	5	
Vogais nasais finais	nō	12	nū	6
			nō	3
Ditongos crescentes	Coïbria	4	Coinbra	3
	departiã	5	departan	5
	recebia	1	receba	1
	beigio	2	beio	1
beyio			1	
Ditongos decrescentes	ao (prep.+art. def.)	6	ou	6
	aos	7	ous	7

Variantes gráficas entre os copistas (sibilantes)

<i>Ms. Lisboa</i>		<i>Ms. Toledo</i>	
forma	ocorr.	forma	ocorr.
demorancia	2	demorancia	2
folgãcia	1	folgãcia	1
tercia	2	tercia	2
gracia	1	gracia	1
Alcobaza	6	Alcobacia	6
comemorazones	2	comemoraciones	2
seruizo	1	seruicio	1
undezima	1	ũdecima	1
faza	1	faca	1
fazam	7	facan	7

3. Documentação posterior a 1250

3.1 Documentação de chancelaria (séc. XIII/XIV): Livros da chancelaria de D. Diniz, 1279-1325

Arquivo Nacional da Torre do Tombo,
<http://digitalq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3813641> (Livro 1)
 (a) Fl. ix (incepto)

